

ADAPTAÇÕES EM QUADRINHOS DE OBRAS LITERÁRIAS

Claudia de Souza Teixeira (IFRJ)*

Resumo: A adaptação de narrativas literárias para quadrinhos tem gerado críticas, dentre outros motivos, porque estariam sendo vistos apenas como instrumentos didáticos de estímulo à leitura das obras originais. Nesse caso, o potencial criativo das histórias em quadrinhos (HQs) seria colocado em segundo plano em prol da manutenção das características do texto literário. Buscando entender esse assunto, este trabalho objetiva analisar, embasado em estudos sobre as especificidades das HQs e sobre sua suposta relação com a literatura, como por exemplo, Eisner (1989; 2005), Vergueiro e Ramos (2009), Cirne (2000) e Zeni (2009), características de quatro adaptações em quadrinhos do clássico espanhol *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, para o público infanto-juvenil. Espera-se evidenciar não só as variações formais entre essas adaptações, mas também os aspectos que as aproximam (ou distanciam) do texto original.

Palavras-chave: Literatura. Adaptação. Histórias em Quadrinhos.

Abstract: The adaptation of literary narratives to comics has generated criticism, among other reasons, because they are being considered only as educational devices to stimulate the reading of the original books. So, the creative potential of comics would be put into the background in favour of maintaining the characteristics of the literary text. Seeking to better understand this subject, this work aims to analyze, based on studies about the specificities of comics and their alleged relationship with literature, as Eisner (1989; 2005), Vergueiro and Ramos (2009), Cirne (2000) and Zeni (2009), the characteristics of four adaptations, for the young public, of the Spanish literary classic *Don Quixote*. It is expected to point out not only the formal variations between those adaptations, but also the aspects that make them closer (or apart) to the original text.

Key words: Literature. Adaptation. Comics.

Introdução

Há algumas décadas, clássicos da literatura (brasileira e mundial) têm sido adaptados para os quadrinhos. Entretanto, a partir de 2006, quando o governo brasileiro passou a incluir as histórias em quadrinhos (HQs) na lista de obras do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), houve um crescimento no número de adaptações no Brasil. Uma das ideias

* Professora Doutora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) - Campus Nilópolis - RJ – Brasil, claudia.teixeira@ifrj.edu.br

por trás dessa decisão do governo é a de que as HQs poderiam incentivar os alunos a lerem as obras originais.

No entanto, especialistas em literatura e em HQs têm feito críticas a esse tipo de adaptação, dentre outros motivos, porque, na necessária redução das narrativas literárias, seriam excluídos detalhes que possibilitariam uma construção de sentidos mais profunda pelo leitor. Por outro, ao se tomarem as HQs como instrumentos de estímulo à leitura das obras originais, o potencial criativo dos seus recursos estaria ficando em segundo plano para se manterem características dessas obras.

Desejando entender melhor o assunto, este trabalho objetiva analisar, embasado em estudos sobre as especificidades das HQs e da narrativa literária, características de quatro adaptações para quadrinhos do clássico espanhol *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, para o público infanto-juvenil. Esperam-se evidenciar as diferenças formais entre as adaptações dessa obra tão extensa e rica em significados, assim como os aspectos que as aproximam (ou distanciam) do texto original.

HQs e Literatura

Há, na mídia e entre os estudiosos sobre o assunto, a discussão se as HQs seriam ou não literatura. No entanto, muitos especialistas lembram que elas têm seus recursos próprios, sua linguagem particular, para defender que não constituem um gênero literário. É o que afirma Cirne (2000, p. 176): "O texto quadrinhístico não é um texto literário [...]. Um texto quadrinhístico, afinal, só pode ser um texto quadrinhístico, com sua grafia própria, com seu ritmo próprio, com sua especificidade própria."

Vergueiro e Ramos (2009) denunciam que a insistência em considerar as HQs literatura evidencia duas posturas: a busca para elas de um rótulo social e academicamente prestigiado ("literário") para justificar a presença delas na escola e na lista do PNBE e um desconhecimento da área de quadrinhos. Insistem os autores que, em relação aos estudos sobre o assunto, já existe "um número suficiente para afirmar que quadrinhos são quadrinhos e literatura é literatura." (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 36).

Para entender a diferença básica entre o texto literário e a HQ, basta lembrar a conceituação tradicional de literatura como "arte verbal" (DANZIGER; JOHNSON, 1974, p.3) e compará-la com o que Eisner (1989) diz sobre as HQs (ou arte sequencial). Ele explica

que, nestas, "Quando palavra e imagem se 'misturam', as palavras formam um amálgama com a imagem e já não servem mais para descrever, mas para fornecer som, diálogo e textos de ligação." (EISNER, 1989, p. 127). O autor ressalta que as HQs são uma forma de arte principalmente visual:

As histórias em quadrinhos, são, essencialmente, um meio visual composto de imagens. Apesar de as palavras serem um componente vital, a maior dependência para a descrição e narração está em imagens entendidas universalmente, moldadas com a intenção de imitar ou exagerar a realidade. (EISNER, 2005, p.5).

No entanto, apesar das peculiaridades das HQs, é possível fazer uma aproximação entre elas e a literatura, em especial, no caso das *graphic novels*. Sem entrar em detalhes sobre a trajetória histórica e os problemas no uso desse termo, pode-se definir uma *graphic novel* ou romance gráfico como uma obra que se vale dos quadrinhos para narrar histórias mais longas, muitas vezes, com edição única (RAMOS[†], citado em RAMOS e FIGUEIRA, s/d). Não deixa de ser, portanto, um tipo de HQ e, como tal, mesmo as baseadas em narrativas literárias mantêm suas especificidades de linguagem verbo-visual.

Cademartori (2003) afirma que, na adaptação de uma obra literária para HQs, dois aspectos devem ser levados em consideração: que não se percam os elementos essenciais da obra e que a linguagem gráfica não seja tolhida pelo compromisso de fidelidade ao original. Segundo a autora, "O artista aproxima-se do texto literário, apropria-se de certo modo dele e cria algo distinto, inserindo-se no fluxo sem fim dos discursos que entre si se glosam." (CADEMARTORI, 2003, p.61).

Santos Neto, citado em Lima (2013), por sua vez, alerta que "o leitor precisa ter consciência que a história nunca será contada de forma igual [ao livro]". Isto quer dizer que a adaptação é uma releitura do artista que a produziu. Dessa forma, o leitor deve ter em mente que não está lendo a obra original, por mais fiel que a adaptação seja.

O número de adaptações de clássicos literários para HQs tem crescido muito nas duas últimas décadas. Variam o formato dessas adaptações e a maneira como o trabalho tem sido realizado (só por um artista, por dois ou por uma equipe). Dessa forma, fazem-se necessárias investigações sobre o assunto. Como afirma García (2010)[‡], citado em Ramos e Figueiredo (s/d, p. 200):

A busca por um modelo de análise próprio dos quadrinhos é, portanto, um dos projetos mais importantes para os estudiosos atuais dos quadrinhos. Um modelo capaz de explicar a relação

[†] RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. 1 reimpr. São Paulo: Contexto, 2010.

[‡] GARCÍA, Santiago. *La novela gráfica*. Bilbao: Astiberri, 2010.

dos quadrinhos com a arte e a literatura – incluindo os clássicos da literatura –, não em termos comparativos, mas em termos alternativos.

Adaptação de clássicos literários para HQs

Segundo Zeni (2009, p.131), “Adaptação é uma obra que pretende rerepresentar de alguma forma outra obra, mesmo que essa adaptação seja em um meio diferente, com mais ou menos personagens, em outra língua, em espaço diferente, em outro tempo.” A “tradução” de um texto literário para HQ, portanto, constitui uma adaptação, que, por natureza, apesar de manter semelhanças com a obra original, permite ao autor fazer recortes, omissões, modificações. Dessa forma, ao se analisar uma adaptação em quadrinhos, podem-se encontrar muitas variações no texto. Por isso, pode-se afirmar, conforme Zeni, que “embora o ponto de partida seja a obra literária e a história em quadrinhos esteja próxima ao texto matriz, ela consegue ser uma obra autônoma e o resultado final é sempre uma obra nova.” (ZENI, 2009, p.131).

De acordo com Riche (2012), a tendência, no Brasil, de adaptar clássicos da literatura mundial para histórias em quadrinhos vem desde a década de 1940. Embora alguns adaptadores respeitassem as características dos recursos visuais, eram mais comuns adaptações em que se transportava para os quadrinhos a narrativa original, suprimindo-se apenas alguns trechos e colocando-se uma grande quantidade de textos nas legendas. Já nessa época, o objetivo era didático: incentivar o hábito de leitura entre os jovens.

No entanto, como afirma Arcuri (2013), adaptar não é somente criar desenhos e colocar trechos da obra em balões e legendas. Para a autora, tal visão decorre da crença de que as adaptações devem simplificar as obras para torná-las acessíveis ao público, principalmente, o infanto-juvenil.

Para Arcuri, boas adaptações costumam construir-se com base na revisitação do enredo, do estilo do autor e da atmosfera por ele criada, num diálogo criativo com a obra original. Nessas adaptações, privilegiam-se também os recursos característicos das HQs e não somente os elementos narrativos tipicamente literários. As HQs em que os desenhos apenas ilustram os textos não representam legitimamente as características dos quadrinhos, pois, nestes, os desenhos devem narrar a história, e a narração não deve depender prioritariamente do texto do balão. Em muitos casos, a própria imagem deve se bastar.

A oferta, no mercado editorial, de adaptações para HQs de clássicos da literatura aumentou consideravelmente com a inclusão destas no Programa Nacional Biblioteca da

Escola (PNBE), em 2006, cujo edital falava em "livros de histórias em quadrinhos, dentre os quais se incluem obras clássicas da literatura universal artisticamente adaptadas ao público jovem." (BRASIL, 2005, p.2). Esse Programa "tem o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência." (BRASIL, 2014).

Educadores e especialistas em HQs, no entanto, preocupam-se com a qualidade desses trabalhos. Baseado na análise de adaptações de clássicos para quadrinhos publicadas por diferentes editoras, Lima (2013) afirma que embora tenha percebido, em alguns casos, um esforço de alguns escritores de tornar as histórias mais interessantes, através do uso criativo dos recursos das HQs, detectou problemas, dentre eles, uso exacerbado de legendas para contar a história e blocos de texto em detrimento da imagem.

Na narrativa literária, a palavra é recurso essencial e dela depende a construção dos sentidos dos textos. Nas HQs, entretanto, as imagens são tão ou mais importantes que a palavra. A riqueza de possibilidades expressivas, o potencial criativo das HQs, confere-lhe qualidade própria e autonomia artística. Portanto, não podem ser utilizadas apenas como facilitadoras de leitura dos clássicos literários. Lacerda[§], citado em Silva, Belmiro e Martins (2013, p. 687), defende que

se considerarmos os quadrinhos apenas um simples instrumento didático de estímulo à leitura, espécie de — degrau rumo a um nível mais elevado, não atribuiremos a eles valor intrínseco e contribuiremos para que eles permaneçam submetidos e ofuscados por outros produtos culturais. Os quadrinhos devem ser vistos como uma forma própria de linguagem ligada a uma forma de leitura, não necessariamente melhor ou pior do que outras.

Dom Quixote de La Mancha

Dom Quixote de La Mancha, escrito pelo espanhol Miguel de Cervantes y Saavedra (1547-1616) e originalmente intitulada *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha*, possui 126 capítulos e foi publicado em duas partes (em 1605 e em 1615). O romance é considerado por muitos a melhor obra de ficção de todos os tempos.

O autor tenta fazer o leitor acreditar que a narrativa baseou-se em documentos e em relatos de um suposto historiador árabe chamado Cid Hamete Benegueli. Cervantes teria, então, apenas compilado e publicado a história, tendo mínima participação no texto. O

[§] LACERDA, Vitor Amado. Linguagem e leitura no mundo dos quadrinhos. In: *Revista Educação apresenta: Literatura Infantil*. São Paulo: Editora Segmento, 2012.

narrador tem, portanto, onisciência limitada. Isso permite a surpresa humorística provocada pelas ações inusitadas e, a princípio, sem sentido do protagonista.

Enquanto narra as aventuras do "Cavaleiro da Triste Figura", Cervantes satiriza os modelos das novelas de cavalaria medievais, ainda de grande prestígio na sua época. A obra, escrita sob a forma de novela realista, apresenta recursos narrativos inovadores.

Com relação ao caráter inovador da obra, bem explica Virgoulon (2014, p.58):

[O narrador] Também não hesita no andamento do texto, nem de se valer da ironia. Trata-se de uma ruptura radical dos modos narrativos usados até então, bem mais respeitosos em relação ao tema e aos protagonistas.

Essa construção original a torna uma obra sem par, com narrativas dentro da narrativa, livros dentro do livro, discursos, odes, contos, reflexões literárias, filosóficas, políticas, encadeamento de cenas, entrelaçamentos de pontos de vistas...

O protagonista, um velho fidalgo castelhano, influenciado pelos romances de cavalaria que lê avidamente, perde a razão, passa a acreditar que as histórias são verdadeiras e decide tornar-se um cavaleiro andante. Por isso, deixa o vilarejo de La Mancha e, montado em seu cavalo Rocinante (na verdade, um pangaré), parte pelas estradas da Espanha para, como bom cavaleiro, combater o mal e proteger os oprimidos. Após um primeiro ciclo de aventuras, volta à sua casa ferido, mas, ao melhorar, convence seu vizinho Sancho Pança (camponês simples a quem promete o governo de uma ilha), a unir-se a ele. Juntos, envolvem-se em uma série de incidentes cujos resultados são sempre desastrosos.

O humor da obra decorre, principalmente, do descompasso entre o idealismo de Quixote e a realidade. Além disso, evidenciam-se as opostas visões de mundo dele e de Sancho Pança. Embora os dois sejam homens de bem e de bom coração, Sancho é mais realista. O autor, então, através dessas duas figuras juntas, contrapõe o idealismo e a objetividade, a fantasia e a realidade, a insanidade e o bom senso.

Por fim, enfraquecido física e psicologicamente, de volta à sua casa, Dom Quixote acaba reconhecendo que estava vivendo uma ilusão criada pelos romances de cavalaria:

Tenho o juízo já livre e claro, sem as sombras caliginosas da ignorância com que o ofuscou a minha amarga e contínua leitura dos detestáveis livros das cavalarias. Já conheço os seus disparates e os seus embelecões e só me pesa ter chegado tão tarde este desengano, que não me desse tempo para me emendar, lendo outros que fossem luz da alma. (CERVANTES, 2005, p. 305)**

** CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote de la Mancha*. v.II. [versão digital]. Tradução de Francisco Lopes de A.V. de F.B.P.P. e Sá e Antonio Feliciano Castilho. eBooksBrasil, 2005. Disponível em: <eBooksBrasil.com>. Acesso em: 01 set. 2014.

Desiludido, morre depois de fazer seu testamento, dividindo os poucos bens que haviam sobrado. Cervantes, fazendo menção a Cid Hamete e às palavras na lápide do protagonista, conclui a história louvando a bravura de Dom Quixote.

Análise de adaptações para quadrinhos de *Dom Quixote de La Mancha*

Para evidenciar variações formais em adaptações para HQs do clássico espanhol *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, para o público infanto-juvenil, serão analisadas quatro delas (duas brasileiras e duas estrangeiras): a de Caco Galhardo, da editora Peirópolis; a de Bira Dantas, da editora Escala Educacional; a de Márcia Williams, da editora Ática; e a de Philippe Chanoimat e Djian, da editora L&P Editores.

É importante destacar, no entanto, que existem outras adaptações. Will Eisner, por exemplo, deu a sua versão em *O Último Cavaleiro Andante*, lançado, no Brasil, em 1999, pela Companhia das Letras. Bem antes, na década de 1950, a extinta editora Elba publicou duas coleções. Adaptações para HQ não assinadas surgiram em 1954, na coleção *Epopéia*, e, em 1958, na coleção *Edição Maravilhosa*.

Não se objetiva fazer um estudo comparativo detalhado entre a obra original e as adaptações, mas observar alguns aspectos que aproximam ou distanciam essas adaptações entre si e do trabalho de Cervantes^{††}. Para tanto, serão feitas algumas considerações gerais sobre os textos e as imagens. É conveniente, porém, mencionar que Eisner (2005) diferencia ilustração de visual. A primeira reforça ou decora uma passagem descritiva, apenas repetindo o texto; já a segunda seria a mais pura forma de arte sequencial, pois é a imagem ou sequência de imagens que substitui uma passagem descritiva, comunicando por si só. Neste trabalho, no entanto, dado o uso comum do termo ilustração, este será empregado para nomear os desenhos que compõem as HQs.

(1) *Dom Quixote*, de Caco Galhardo^{‡‡}

Essa adaptação brasileira, publicada em 2005, quando se comemoravam 400 anos da obra original, foi baseada na tradução do primeiro volume^{§§} feita por Sérgio Molina (essa

^{††} Serão considerados os volumes I e II da versão digital de *Dom Quixote de la Mancha*. Tradução de Francisco Lopes de A.V. de F.B.P.P. e Sá e Antonio Feliciano Castilho. eBooksBrasil, 2005. Disponível em: <eBooksBrasil.com>. Acesso em: 01 set. 2014.

^{‡‡} GALHARDO, Caco. *Dom Quixote em quadrinhos*. Tradução de Sérgio Molina. São Paulo: Peirópolis, 2005. 48 p.

tradução foi premiada, na 46ª edição do Prêmio Jabuti, em 2004). Galhardo, no posfácio do seu livro, explica que "até o final do encontro entre Dom Quixote, Sancho Pança e os cabreiros, o que se lê nessa adaptação, tirando uma interferência e outra, são trechos retirados diretamente da tradução original." (GALHARDO, 2005, p.47). Depois disso, considerando a impossibilidade de representar as centenas de páginas da obra, ele compõe a narrativa com trechos que julgou mais significativos.

Interessante é a forma como Galhardo deixa claro ao leitor que procederá a uma substancial redução da obra. Na página 22, num quadrinho, apresenta uma caricatura dele mesmo, sentado a uma mesa, desenhando e, acima, uma legenda esclarecendo que, a partir daquele ponto, serão mencionados apenas alguns acontecimentos "a título de encurtar a história." (GALHARDO, 2005, p.42).

Nessa versão, as personagens são retratadas com traços caricaturais. A famosa luta de Dom Quixote com os moinhos de vento é apresentada em dez páginas, sendo 6 só de imagens em páginas inteiras (que funcionam como superquadrinhos), o que demonstra o grande destaque dado a essa passagem. Detalhes das reações das personagens são evidenciadas de forma bem-humorada, como a imagem de Sancho Pança roendo as unhas e suando de medo e nervoso quando Dom Quixote desafia o "gigante" (na verdade, um moinho). No entanto, em alguns momentos, as expressões fisionômicas não são muito marcadas.

A irreverência das ilustrações, característica dos traços de Galhardo, combina com a comicidade das situações vividas pelas personagens. Há quadrinhos com legendas (em fundo preto) e/ou balões de falas (algumas longas), mas há muitos que são só de imagem, em que as expressões e os gestos das personagens falam por si mesmos. Onomatopéias, comuns nas HQS, também são utilizadas para reforçar as impressões auditivas. O letreiramento feito à mão é sugestivo, pois se remete à explicação de Cervantes de que a história de Dom Quixote teria sido registrada em documentos e manuscritos da época medieval. Percebe-se uma busca pela fidelidade ao estilo do texto original, em especial, ao formalismo linguístico. Em alguns momentos, no entanto, essa busca torna a leitura cansativa, como no longo discurso de Dom Quixote apresentado no capítulo XI da obra original e transcrito nas páginas 39 e 40 da versão em quadrinhos.

A adaptação combina, então, alguma fidelidade ao texto original aliada ao estilo bem-humorado do cartunista.

§§ Em 2013, Galhardo publicou a 2ª parte.

(2) *Dom Quixote*, de Bira Dantas^{***}

Nessa adaptação brasileira, que engloba algumas passagens nucleares das duas partes de *Dom Quixote*, a narrativa é dividida em 22 capítulos de extensão variada com títulos mais simples do que os da obra original. O texto está adaptado à linguagem mais atual tanto nas legendas quanto nos balões, que apresentam, no geral, trechos curtos. Isso torna a leitura acessível até para crianças. Permanece, nos diálogos, no entanto, o uso das segundas pessoas verbais (tu e vós). Muitos trechos do narrador, na história de Cervantes, foram transformados em falas normais, gritos, sussurros ou pensamentos explicitados nas formas dos balões. Há poucos quadrinhos sem texto, alguns sem requadro e inserção de outros menores que atendem à necessidade de *close ups*.

Os desenhos, pintados em aquarela, são sombreados; o que diminui a intensidade/luminosidade das cores. Destacam-se os quadrinhos em tonalidades de azul e em forma de nuvem para representar imagens evocadas ao se relatarem fatos passados ou imaginados por Quixote. O tom humorístico fica mais por conta das figuras caricaturais (como a de Dom Quixote desdentado na capa do livro) semelhantes às de muitos livros infantis. Há grande ênfase nas expressões fisionômicas representativas das emoções. Em alguns momentos, (a figura de) Cervantes aparece na HQ dirigindo-se ao leitor. Isso representa mais um recurso usado pelo narrador, na obra original, para dar credibilidade à história.

Explica Castro Jr. (2009) que o quadrinista inspirou-se nos desenhos de Gustave Doré (ilustrador da edição, em inglês, de *Dom Quixote de la Mancha*, de 1863, e cujas imagens são as mais associadas à obra de Cervantes) e nas pinturas do espanhol Goya. O primeiro destacou-se com suas ilustrações detalhadas e em tons acinzentados; o segundo foi conhecido, entre outros aspectos, pelo seu estilo satírico e suas imagens sombreadas.

Portanto, associando um texto de fácil compreensão e ilustrações divertidas, Bira Dantas consegue produzir uma adaptação que combina com a comicidade e as loucuras de Dom Quixote.

^{***} CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote*. Roteiro e ilustrações de Bira Dantas. São Paulo: Escala Educacional, 2008. 87p.

(3) *Dom Quixote*, de Márcia Williams^{†††}

Essa curta adaptação da ilustradora e escritora inglesa assemelha-se mais a uma história ilustrada para crianças pequenas do que propriamente a uma HQ.

No conjunto, as ilustrações apenas decoram o texto, tornando-o mais atrativo para os pequenos leitores. As páginas, que não são numeradas, são belamente ornamentadas com bordas preenchidas com diferentes padrões de desenhos. Nas páginas em que se narra a estadia de Quixote na estalagem onde seria "nomeado cavaleiro", os requadros formam a silhueta de um castelo, já que este era o local em que imaginava estar. Três fatos nucleares da história são representados (imagem e texto) em página inteira: a saída às escondidas de Quixote e Pança da aldeia, a luta com o moinho de vento e a batalha com o "exército" de carneiros. No entanto, na sua maioria, as páginas são compostas de quatro quadrinhos retangulares que vão de um lado a outro. Os traços da ilustradora são bem humorados, combinando com o tom cômico da obra, mas nem sempre as expressões fisionômicas são marcadas.

Os quadrinhos, com ou sem balões, são acompanhados de respectivas legendas explicativas. A exceção seria a página que retrata a passagem em que o protagonista se prepara para a vida de cavaleiro. Para mostrar os elementos dessa transformação (a armadura, a espada, o cavalo e a dama), há apenas uma legenda relacionada a 12 quadrinhos pequenos, sendo 4 só de imagens. Interessante é que, em outros 3, aparece Quixote segurando cartazes com os nomes das personagens escolhidos por ele: Rocinante, Dom Quixote de La Mancha e Dulcineia del Toboso.

Não há preocupação com a fidelidade ao texto original. O livro de Williams faz uma considerável simplificação da obra, apresentando, no geral, frases curtas nas legendas e nos balões. As falas das personagens, muitas vezes, não aparecem no texto de Cervantes, como por exemplo, as do cachorro de Dom Quixote.

O livro de Williams apresenta criatividade e grande qualidade visual, mas não aproveita plenamente os recursos das HQs. A história está no texto e as imagens apenas o embelezam.

^{†††} CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote*. Apresentado e ilustrado por Marcia Williams. Tradução Luciano Vieira Machado. São Paulo: Ática, 2004. 32p.

(4) *Dom Quixote*, de Philippe Chanoimat e Djian^{***}

Essa adaptação faz parte de uma coleção publicada originalmente pela editora francesa Glénat com o apoio da UNESCO. Os adaptadores/roteiristas e o desenhista são franceses e têm experiência em trabalhos para diferentes mídias.

Das quatro obras analisadas neste artigo, é a que apresenta maior fidelidade ao texto original. As falas e as legendas são trechos bem semelhantes à narração e a diálogos de Cervantes. A tradução mantém a formalidade linguística. No entanto, como os trechos não são longos, a leitura não se torna cansativa. A quantidade de balões é bem superior a de legendas, e onomatopeias também são empregadas.

As ilustrações são detalhadas e mais realistas. Diferentemente das outras adaptações, não são utilizados traços caricaturais. Não se percebe, portanto, intenção de criar uma atmosfera cômica através das ilustrações. Observam-se algumas semelhanças entre as figuras das personagens e os desenhos realistas de Gustave de Doré. Os comentários de Linardi (2007) sobre o trabalho de Doré dão uma ideia do que parece ter servido de inspiração para Pellet, que fez os desenhos da adaptação:

O artista nos apresenta o fidalgo com as marcantes características que Cervantes lhe imprimiu, a silhueta alta e magra, o rosto encovado.[...] Apesar da preocupação do artista em adicionar o máximo de elementos presentes no texto, podemos observar que o cômico, o burlesco, foi praticamente suprimido. [...] No texto de Cervantes, o que é grotesco vem exatamente das situações em que a grandeza e a dignidade são anuladas: o heroico cavaleiro é, na verdade, um pobre desdentado. [...]
Os moinhos de vento não são gigantes nas gravuras, continuam a ser moinhos de vento. Doré se coloca a serviço do texto e, numa relação dialética, o texto é a moldura do desenho, ao mesmo tempo em que o desenho se estabelece como moldura do texto. (LINARDI, 2007, p. 359-360)

Observa-se uma preocupação em dar destaque aos cenários, em especial, nos quadrinhos sem texto. As roupas, casas e igrejas têm características espanholas, representando a região onde se desenrolou a história. O livro conta, ao final, com um material explicativo sobre o autor, sua época e a obra, antecedido de uma página com a apresentação de uma gravura de Gustave Doré, que sugere a influência do trabalho desse artista na adaptação.

Portanto, devido ao estilo mais realista das ilustrações, que não expressa comicidade ou humor, fica por conta do leitor captar a atmosfera satírica da história a partir do texto verbal.

^{***} CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote*. Tradução de Alexandre Boide; adaptação e roteiro Dijan e Philippe Chanoimat; desenhos e cores David Pellet. Porto Alegre: L & P, 2014. 60p.

Conclusão

A análise das adaptações de *Dom Quixote de la Mancha* mostrou que, devido aos diferentes estilos dos adaptadores, variadas são as formas de se transportar para as HQs uma narrativa literária em prosa. Evidenciou, também, que, independente da maior ou menor preocupação com a fidelidade à obra original, os recortes e omissões são sempre necessários, mesmo que muito das sutilezas do texto literário se percam.

Por causa da impossibilidade de se representar integralmente uma narrativa literária por meio das HQs, deve-se aceitar que as adaptações sejam construídas na revisitação, não apenas da história em si, mas também do estilo do autor e da atmosfera por ele criada. Elas são sempre uma releitura. Os quadrinhos ofereceriam, então, uma versão criativa e independente a partir da estrutura original.

Dessa forma, fica mais uma vez comprovado que as HQs são um gênero autônomo cujos recursos e gramática são diferentes dos da prosa ficcional. Deve-se, portanto, ter cuidado ao usar as HQs para incentivar o hábito de leitura de obras literárias, principalmente entre o público jovem, visto que, apesar da possibilidade de aproximação entre os dois gêneros, não há como transplantar para os quadrinhos todas as nuances dessas obras, e nem é este o objetivo da arte sequencial.

Referências

ARCURI, Mariana Conde Moraes. Literatura em quadrinhos hoje. *SOLETRAS*, n. 26, 237-250, jul.-dez. 2013. Disponível em: < <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras> >. Acesso em: 17 set. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. *Edital 2006: Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE)*. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2005. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/arquivos/category/109-editais?download=349:edital-pnbe-2006>>. Acesso em: 03 set. 2014.

_____. *Programa Nacional Biblioteca da Escola: apresentação*. 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12368:programa-nacional-biblioteca-da-escola&catid=309:programa-nacional-biblioteca-da-escola&Itemid=574>. Acesso em: 19 set. 2014.

CADEMARTORI, Lígia. Criança e quadrinhos. In: JACOB, Sissa. *A criança e a produção cultural*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 45-61.

CASTRO JÚNIOR, Chico. HQ: novas formas, novos leitores. *A tarde* [on line], Caderno Cultura, 25 fev. 2009. Disponível em: <<http://atarde.uol.com.br/materias/imprimir/1091323>>. Acesso em: 25 set. 2014.

CIRNE, Moacy. *Quadrinhos, sedução e paixão*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

DANZIGER, Marlies K. e JOHNSON W. Stacy. *Introdução ao estudo crítico da literatura*. Tradução de Álvaro Cabral, com a colaboração de Catarina T. Feldmann. São Paulo: Cultrix, 1974.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. Tradução Luís Carlos Borges, Alexandre Boide. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. *Narrativas Gráficas*. Tradução Leandro Luigi Del Manto. São Paulo: Devir, 2005.

LIMA, Marcelo Soares de. Literatura e quadrinhos: uma questão de adaptação. In: II CONGRESO INTERNACIONAL VIÑETAS SERIAS: NARRATIVAS GRÁFICAS: LENGUAJES ENTRE EL ARTE Y EL MERCADO. Buenos Aires, Argentina: Biblioteca Nacional, 26 al 28 de sep. 2012. p. 1-15. *Libro de actas*. Disponível em: <<http://www.vinetasserias.com.ar/actas2012.html>>. Acesso em: 20 set. 2014.

LINARDI, Ana Beatriz de Araujo. Dom Quixote, Doré, Dalí: As relações entre literatura e pintura. In: III ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE – IFCH / UNICAMP, Campinas, 2007. p. 356-365. *Anais...* Disponível em: <<http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2007/LINARDI,%20Ana%20Beatriz%20de%20Araujo.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2014.

RAMOS, Paulo; FIGUEIRA, Diego. Graphic novel, narrativa gráfica ou romance gráfico? Terminologias distintas para um mesmo rótulo. s/d. Disponível em: <http://www.gelbc.com.br/pdf_jornada_2011/paulo_ramos_diego_figueira.pdf> 1-20. Acesso em: 27 set. 2014.

RICHE, Rosa Cuba. Literatura e quadrinhos: linguagens em diálogo. In: XVI CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2012. *Anais...* Rio de Janeiro: UERJ, 2012. p. 2226-2239. <http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_3/189.pdf>. Acesso em: 07 set. 2014.

SILVA, Caroline Peixoto e; BELMIRO, Celia Abicalil; MARTINS, Aracy Alves. As relações entre texto visual e texto verbal na adaptação literária do conto “O Alienista” de Machado de Assis. In: IV SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA – SIMELP, Goiás – UFG, 2 a 4 de jul 2013. *Anais ...*, p. 680-688. Disponível em: <http://www.simelp.letras.ufg.br/anais/simposio_15.pdf>. Acesso em: 01 set. 2014.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE. In: _____. (Orgs.). *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*. São Paulo, Contexto, 2009. p.9-42.

VIRGOULON, Agrippine. O autor, sua obra e sua época. In: CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote*. Tradução de Alexandre Boide; adaptação e roteiro Dijan e Philippe Chanoinat; desenhos e cores Depé. Porto Alegre: L & P, 2014. p.56-59.

ZENI, Lielson. Literatura em quadrinhos. In: VERGUEIRO, Waldomiro, RAMOS, Paulo. (Orgs.). *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 127-158.

Artigo recebido em:30/10/2015

Artigo aceito em: 01/12/2015

Artigo publicado em: 01/12/2015